



A percepção de atletas do Aliança Futebol Clube acerca de suas trajetórias no contexto do futebol de mulheres em Goiás

The perception of athletes of the Aliança Football Club about their trajectories in the context of women football in Goiás

La percepción de atletas del Club de Fútbol Aliança sobre sus trayectorias en el contexto del fútbol de mujeres en Goiás

Lethicia Gabriela de Alcantara Dias 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. alcantaraletthicia23@gmail.com 

Nívea Maria Silva Menezes 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. nimenezes09@gmail.com 

Jéssica de Moura Pereira 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. jessica.pereira@ueg.br 

Kelly Cristiny Martins Evangelista 
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. kellycristiny89@gmail.com 

10.31668/praxia.v3i0.11943 

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender as trajetórias de jogadoras do Aliança Futebol Clube a partir de suas experiências no Futebol de mulheres. Recorreu-se, brevemente, às histórias do Futebol no Brasil a partir dos recortes de raça, sexo/gênero, geração e classe social, a fim de abordar as práticas que envolvessem este elemento da cultura corporal, nos espaços públicos e privados, bem como as realizadas no âmbito escolar por meio das aulas de Educação Física. Para o levantamento de informações, a técnica utilizada foi o questionário semiestruturado, enviado para as jogadoras e ex-jogadoras do clube. A base teórico-epistemológica foi pensada pelo viés da Fenomenologia. Como resultado, conclui-se que a realidade de cada jogadora é marcada por vivências exclusivas, no entanto, há aproximações no que diz respeito a serem mulheres e jogadoras de futebol.

Abstract: The purpose of this article is to understand the trajectories of soccer players from their experience at Aliança Futebol Clube. The stories of Football in Brazil were briefly used, based on racial, generational, class and gender cuts; to address sports practices, this content of body culture, present in public and private spaces as well as those carried out in the school environment from Physical Education classes. For data collection, the technique used was the semi-structured questionnaire, sent to the players and ex-players of the club. The theoretical-epistemological basis was thought through the phenomenology bias. As a result, it is concluded that each reality brings with it unique experiences, but there are similarities regarding being a woman and a soccer player.

Palavras-chave:

Futebol de mulheres.
Trajetória das mulheres.
Estudos feministas.

Keywords:

Women soccer.
Women's trajectory.
Feminist studies.



Palabras clave:

Fútbol femenino.
Trayectoria femenina.
Estudios feministas.

Resumen: El propósito de este artículo es conocer las trayectorias de los futbolistas a partir de su experiencia en el Alianza Fútbol Clube. Se utilizaron brevemente las historias del fútbol en Brasil, basadas en cortes raciales, generacionales, de clase y de género; con el fin de abordar las prácticas deportivas, estos contenidos de cultura corporal, presentes en los espacios públicos y privados, así como los que se realizan en el ámbito escolar desde las clases de Educación Física. Para la recogida de datos, la técnica utilizada fue el cuestionario semiestructurado, enviado a los jugadores y exjugadores del club. La base teórico-epistemológica se pensó a través del sesgo fenomenológico. Como resultado, se concluye que cada realidad trae consigo experiencias únicas, pero existen similitudes en cuanto a ser mujer y futbolista.



Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no curso de licenciatura em Educação Física da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO) no ano de 2020. O intuito deste estudo foi trazer à tona aspectos gerais da condição das mulheres no esporte, sobretudo na prática do futebol, recorrendo enquanto espaço de investigação ao Aliança Futebol Clube (A.F.C.) de Goiânia. Partiu-se da seguinte pergunta: qual a percepção das jogadoras e ex-jogadoras da equipe do Aliança Futebol Clube acerca de suas trajetórias e participações neste esporte? Para isso, buscou-se realizar uma interlocução entre a produção da literatura referente ao tema e os depoimentos das atletas e ex-atletas do A.F.C., com o propósito de confrontar as realidades, as trajetórias e percepções dessas mulheres no que se refere ao universo futebolístico.

Historicamente, a inserção, participação e permanência das mulheres no futebol ocorreram de maneiras diferentes quando comparadas às dos homens. Este estudo parte do pressuposto de que existem assimetrias e desigualdades sendo reforçadas no Futebol com base nas relações pautadas pelas diferenças entre os sexos (BUTLER, 2003), e que também são desdobramentos do processo histórico brasileiro, a julgar pelo tratamento dispensado às mulheres desde o início de sua inserção, participação e permanência na prática esportiva. Apesar dos resquícios de uma tradição cultural orientada pelo preconceito, misoginia, racismo e machismo estruturais presentes na sociedade brasileira, observam-se avanços tanto na discussão como na participação das mulheres nesta modalidade esportiva.

Assim, o Futebol que se constrói e reconstrói continuamente visando à reprodução de um determinado tipo de masculinidade (à brasileira) ocupa um lugar privilegiado na esfera cultural e mobiliza paixões. A masculinidade performada em determinados esportes, tanto em nível amador quanto profissional, carrega uma série de exigências e expectativas que afetam os atletas envolvidos, ao mesmo tempo que são retroalimentadas por eles ações, posicionamentos, vestuários, linguagens, ideais, valores, etc. que fazem parte da construção e desconstrução da identidade do próprio esporte e dos sujeitos que dele participam (ANDRADA BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

Conforme sublinham Butler (2003), Darido (2002), Souza, Capraro e Moraes e Silva (2017) e Salvini e Marchi Júnior (2016), as práticas esportivas e de atividades físicas estão permeadas por questões políticas, educacionais e pelos valores culturais de cada período em que são concebidos e disseminados socialmente. Além disso, as teorias que estruturam a Educação Física Escolar e a prática dos esportes nos espaços públicos e privados encontram, desde sempre, limitações e entraves para serem



aplicadas no Brasil quando há necessidade de problematizar os elementos da cultura corporal considerando, por exemplo, as intersecções entre classe social, raça, sexo/gênero, geração e capacidades funcionais das pessoas envolvidas.

Por isso, trazer à tona a discussão da inserção, participação e permanência das mulheres no universo futebolístico, bem como retratar suas trajetórias nesta prática, é tão significativo para o campo da Educação Física, uma vez que arriscará desvelar e compreender com mais qualidade as complexidades, proibições, insurgências e conquistas que perpassam as histórias das jogadoras goianas, particularmente daquelas que compuseram e compõem a equipe do Aliança Futebol Clube, além de revelar uma necessidade científica de aprofundar os estudos regionais sobre a temática.

Um diálogo entre a legislação e as teorias da Educação

Física escolar

As representações de gênero na sociedade brasileira e os comportamentos permitidos aos homens e às mulheres, estereotipados no masculino e feminino, são reafirmados e incorporados no campo político por meio de leis e decretos. No decurso da história, as legislações brasileiras colaboram com a disseminação de preconceitos que culminam em discriminações e/ou violências que atingem pessoas pertencentes (ou lidas como pertencentes) a determinados grupos – tais como os crimes motivados por ódio, as coerções decorrentes do racismo, o feminicídio, o transfeminicídio.

Verifica-se, por exemplo, que, no período do Estado Novo (1937-1947), a política educacional passou por diversas reformas, as quais reverberaram tanto na Educação Física Escolar, que naquele contexto foi implementada como uma disciplina cuja principal função era fortalecer os espíritos patrióticos, raciais e nacionalistas, quanto nas práticas desportivas realizadas em contextos extraescolares, uma vez que se obteve maior visibilidade em 1937, com a criação do Departamento de Divisão da Educação Física, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde (ALVES; PIERANTI, 2007 *apud* SILVA, 2008). De modo específico, coube às instituições escolares, por meio do disciplinamento e fiscalização dos corpos, das práticas corporais e dos comportamentos, a função de educar os sujeitos, salvaguardando os objetivos do Estado.

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 53), no Brasil, especialmente nas primeiras quatro décadas do século XX, “foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da instituição militar”, que coordenou, em seu auge, a “execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo”. Por consequência, observou-se vigorar o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que determinava (no art. 54): “às mulheres não se permitirá a prática de desportos

incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941, n.p.). Dentre os esportes que supostamente ameaçavam a feminilidade “essencial” às mulheres, estava o futebol, logo, as proibições ganharam novos contornos.

A legalização da prática do futebol para o público considerado feminino aconteceu novamente em 1979 mediante a possibilidade de clubes e equipes organizarem práticas de lazer e competições, após a revogação da Resolução 7/65, viabilizando assim, em termos legais, a carreira das atletas. Nesta lógica, tanto a legislação como os conteúdos produzidos nos períodos de vigência da prática futebolística no Brasil eram voltados, majoritariamente, para atender aos homens, em razão de serem, conseqüentemente, organizados por eles. Com a proibição no contexto das políticas esportivas brasileiras, a inserção das mulheres como telespectadoras antecedeu sua estreia como praticantes. Darido (2002, p. 3) aponta que “a legislação, do mesmo modo que os especialistas, contribuiu para que o processo de entrada da mulher no esporte mais praticado no país se desse, oficialmente, apenas no final da década de 80”.

Ações como essas legitimaram os cenários que, ainda hoje, são vivenciados pelas jogadoras de futebol no Brasil, e que, quando confrontados com os cenários do futebol jogado por homens, evidenciam os abismos fruto da falta de oportunidades, incentivos e investimentos existentes entre ambos. Essas tomadas de decisões nas esferas institucional, política e jurídica interferiram na produção de conhecimento tanto nas subáreas pedagógica e sociocultural da Educação Física, como no acesso e permanência das mulheres em práticas corporais, considerando-se, é claro, a possibilidade de elas receberem orientações profissionais adequadas e de qualidade.

A exclusão das mulheres como partícipes na manifestação esportiva do alto rendimento e das meninas nas aulas de Educação Física, quando relacionadas à prática e ao conteúdo Esporte, não é um fato aleatório, porquanto os registros sobre as trajetórias e história da Educação Física no interior e fora dos espaços institucionalizados, bem como as teorias que direcionaram o trato pedagógico dos conteúdos ao longo dos tempos e as representações simbólicas do corpo e da cultura, dizem muito sobre a realidade contemporânea do futebol de mulheres no Brasil.

A mulher no esporte: entre o amadorismo e o profissionalismo

A trajetória das mulheres nos esportes ocorre a passos tímidos, sendo mais presente nas dimensões de lazer ou competitiva se considerado o contexto da não



profissionalização. As vivências de práticas esportivas de alto rendimento e/ou como uma profissão ainda existem (resistem) oferecendo pouquíssimas oportunidades. Apesar das conquistas dos clubes de futebol de mulheres e da persistência em se manterem ativos no campo esportivo, é perceptível a conservação de um cenário de falta de investimentos e patrocínios, somados a um número pequeno de competições nacionais e regionais, além de pouca ou nenhuma visibilidade, o que deixa muito a desejar.

Em Goiás, desde a década de 1990, o A.F.C. se tornou uma referência para o futebol goiano de mulheres. A equipe é um exemplo de perseverança e luta pelo Futebol, almejando reconhecimento, melhores condições financeiras e estruturais e, sobretudo, fomentando a formação de mais jogadoras nas categorias de base. Fundado em outubro de 1958 por um grupo de esportistas de Goiânia, o A.F.C. é uma entidade esportiva com a finalidade, segundo o seu primeiro estatuto (1958), de desenvolver temas da Educação Física, promover reuniões e viabilizar momentos de diversão, salvaguardando o caráter desportivo, social, cultural e cívico das atividades. No início, o público-alvo era composto majoritariamente por homens, sendo que, em meados do ano de 1995, ocorreu a criação de um departamento para o futebol de mulheres (ESTATUTO DO ALIANÇA, 1958 *apud* ROCHA, 2011, p. 32).

Atualmente, a participação do A.F.C. em competições não garante a profissionalização e, por consequência, as jogadoras não são remuneradas ou não possuem carteira de trabalho assinada pela equipe. No cenário nacional, a realidade de muitos clubes não é diferente, considerando-se o baixíssimo número de mulheres profissionais do futebol.

Apesar de mudanças recentes indicarem uma nova realidade, como a obrigatoriedade de que todos os clubes tenham equipes de futebol de mulheres para disputar as competições da Conmebol (DIRETORES, 2017), os clubes não são obrigados a implementar a profissionalização.

Segundo matéria publicada no *site* do Globo Esporte, dos 20 clubes que disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2019, apenas sete contavam com equipes de futebol de mulheres, entre eles o Corinthians, o Flamengo e o Santos, seis clubes estavam com projetos encaminhados para implementação, dois deram início ao projeto e cinco ainda não haviam estruturado nenhum plano para constituição de equipes de meninas/mulheres (ALVES, 2019).

O Campeonato Brasileiro da série A de 2020 teve um número recorde de equipes profissionais se comparado ao ano anterior. Dos 16 clubes participantes, dez eram profissionais. Esse cenário da profissionalização parece promissor e encontra-se em pleno desenvolvimento, no entanto, quando confrontado com o progresso do

futebol praticado por homens, as desigualdades são escancaradas. A título de exemplo, constatou-se que o Santos Futebol Clube foi o primeiro time no Brasil a instituir uma equipe profissional de futebol de mulheres e esse episódio só ocorreu no ano de 2015 (MENDONÇA, 2020).

Percurso metodológico

O caminho metodológico adotado para compreender a formação esportiva no futebol de mulheres, e que se aproxima da percepção e vivências dessas atletas e ex-atletas de futebol, fundamentou-se na Fenomenologia, que, segundo Merleau-Ponty (1999, p. 1), “[...] é o estudo das essências, e todos os problemas a fim de definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência”. Este trabalho, ao introduzir os aspectos de origem e desenvolvimento do futebol praticado por mulheres no Brasil, teve como objeto de pesquisa o processo de formação esportiva no futebol de mulheres. O objetivo geral desta pesquisa foi levar leitoras e leitores a compreender a trajetória das jogadoras a partir de suas vivências no A.F.C.

Neste sentido, buscou-se identificar se o futebol foi vivenciado na Educação Física Escolar, durante o período de formação educacional das jogadoras, além de procurar entender como é ser jogadora de futebol a partir da percepção dessas atletas; e, para isso, investigou-se a trajetória das jogadoras atuantes e ex-jogadoras da equipe adulta do A.F.C. No que se refere à tipologia da pesquisa, realizou-se um estudo de caso e, como instrumento para coleta de dados, recorreu-se a questionários semiestruturados. Para análise dos dados, realizou-se a descrição analítica, com base nas percepções expressas pelas jogadoras e ex-jogadoras do A.F.C. nos questionários respondidos. A ênfase em aspectos da realidade não pode ser somente quantificada, por isso, as análises foram centradas no esforço de compreender e explicitar questões inerentes às relações e impactos socialmente estabelecidos a partir do trato qualitativo das informações.

Análise e discussão dos dados: com a palavra, os sujeitos da pesquisa

O primeiro ponto que destacamos nos dados é o tempo de prática do futebol das respondentes, com uma média geral de 15,3 anos; sendo que o tempo mínimo foi de seis anos e o máximo de 26 anos, não se limitando apenas à composição da equipe de futebol de mulheres do A.F.C., mas considerando o tempo de prática em caráter educacional e como lazer.

As participantes da pesquisa têm idades entre 17 e 56 anos. Nesse sentido, apresentaram em suas respostas vivências únicas e diversas. As experiências comuns entre jogadoras e ex-jogadoras propiciaram uma diversidade de percepções sobre suas trajetórias, o que tornou possível a verificação de concordâncias e dissonâncias acerca das realidades e períodos em que cada uma integrou a equipe.

Percebeu-se que os principais motivos que levaram as atletas à prática do futebol foram: o incentivo da família e amigos; a influência de familiares; o amor pelo esporte; o contato com o futebol desde a infância; o sonho de ser atleta profissional e de jogar pela seleção brasileira, conforme os fragmentos abaixo:

“Jogava golzinho com meu irmão e vizinhos da rua”
(LUDMILA¹, 35 anos).

“A convivência com meu pai, que era jogador e passou a ser técnico, e eu já jogava porque brincava com meu irmão, aí passei a gostar de futebol” (ANDRESSA, 21 anos).

Apenas a ex-jogadora Solange (50 anos) apontou as aulas de Educação Física como primeiro contato com o futebol, destoando da maioria das respostas encontradas, que situam o primeiro contato com o futsal/futebol em período anterior à fase escolar. O sonho de jogar profissionalmente e disputar campeonatos também foi motivo de iniciar a prática do futebol, como aponta a jogadora Rafaela (45 anos):

“Eu sempre tive vontade de ser atleta, sempre sonhava um dia vestir a camisa da seleção brasileira feminina, então eu sempre almejava um dia ser uma grande atleta. Então esse desejo me levou a praticar a modalidade, mas sempre no intuito de um dia ser atleta profissional, e assim foi na minha vida, mais tarde quando consegui realizar meu sonho”.

Quando indagadas sobre como tomaram conhecimento da equipe de futebol de mulheres do Aliança, as respostas mais recorrentes foram: “por meio de amizades” e/ou “por meio do convite de Luiz César Ferreira Rocha ou Patrícia A. Menezes” (integrantes da comissão técnica do A.F.C.), que as viram jogando em amistosos, campeonatos ou em torneios escolares regionais. Algumas jogadoras relataram que, ao assistir aos jogos do Aliança em campeonatos, passaram a conhecer a equipe e se interessaram em compô-la. Finalmente, houve o relato de atletas que conheceram a equipe por meio das redes sociais, graças à sua visibilidade e reconhecimento na cidade de Goiânia.

“A equipe do Aliança é bem conhecida no Estado, tanto por uma excelente gestão, quanto para seus treinamentos, e sempre quis jogar com meninas de qualidade, e fora que no time a visibilidade para a vitrine nacional é muito grande, pois a equipe sempre participou de grandes competições nacionalmente reconhecidas” (MILLIENE, 25 anos).

Apesar da profissionalização do clube não ser realidade, o Aliança configura-se como uma referência no que tange à visibilidade dessas jogadoras, tanto em âmbito regional quanto nacional, oferecendo nesse sentido oportunidades para a entrada em

times profissionais, bem como convocações para a seleção brasileira de futebol de mulheres. Uma vez que o A.F.C. atua com a formação de jogadoras desde as categorias de base até a categoria adulto, conforme afirma a respondente:

“Até hoje está sendo uma experiência muito boa por estar disputando muitas competições como por exemplo: em 2016, um torneio no Rio de Janeiro que foi uma semana jogando contra grandes times. Foi uma grande experiência” (JULIA, 18 anos).

Notamos que um dos pilares do Aliança é oportunizar a formação e inserção das meninas e mulheres no universo esportivo, reconhecendo os percalços históricos que obstaculizam a participação das mulheres na sociedade brasileira e no futebol a nível regional e nacional. Neste sentido, a partir das vivências enquanto atletas no A.F.C., foram mencionados os obstáculos encontrados pelas jogadoras para a prática do futebol no estado de Goiás e que não são limitados à equipe, tais como: “recursos físicos e financeiros escassos para a modalidade”; “ausência de competições e o preconceito de gênero descritos pelas atletas”; uma prática que, por ser realizada por mulheres, não atende às expectativas sociais, esperadas para atender ao estereótipo da feminilidade.

O suporte financeiro dispensado às jogadoras é apenas a Bolsa Atleta, uma vez que a equipe de mulheres não é profissional e não há remuneração. Em função disso, outra questão abordada diz respeito à conciliação entre trabalho, estudos e treinos, sendo constatado que a dificuldade em manter uma rotina de treinos, aliada ao trabalho e/ou estudos, é um obstáculo para se dedicarem exclusivamente ao futebol.

“Jogar no Aliança tinha as dificuldades que era trabalhar e treinar; era preciso conciliar com a patroa” (LUDMILLA, 35 anos).

Considerando-se as dificuldades apresentadas, percebe-se a luta empreendida para que consigam dinheiro para custear as despesas com viagens para competirem; para deslocamento em transportes públicos; alimentação; vestuário, etc. Assim, as jogadoras realizam sorteios de rifas ou atuam como gandulas em outras partidas para complementar a renda, conforme destaque abaixo:

“Somente após entrar no Aliança consegui ter algum retorno, com ajuda nas participações dos jogos trabalhando como gandula pra ter dinheiro do passe, pra ir pros treinos” (MILIENE, 25 anos).

Ao descrever suas participações na equipe de futebol de mulheres do A.F.C., algumas das atletas abordaram a responsabilidade, o profissionalismo e a persistência como características de quem almeja melhorias para as futuras gerações. Outra resposta recorrente foi em relação à formação integral dada no clube, percebida pelas jogadoras como uma preparação da atleta de futebol, ressaltando os elementos



técnicos, físicos, táticos, bem como uma construção de identidade a partir da vivência adquirida por elas no esporte.

Pode-se depreender, no contexto descrito pelas atletas e ex-atletas participantes, que, além do investimento técnico e físico requisitados, o desenvolvimento dessas mulheres pode estar relacionado à construção de suas identidades esportivas, que escapam aos padrões generalizados de corpos e comportamentos. A trajetória de jogadoras de futebol pode ser permeada por vivências envolvendo discriminações e poucas oportunidades, conforme se apresenta no conteúdo examinado. No entanto, é perceptível que as respondentes são muito seguras de suas escolhas, mesmo sabendo das dificuldades inerentes à trajetória de uma atleta e são muito incisivas em relação aos seus posicionamentos, que incluem: enfrentar o preconceito e as violências de gênero; lutar para a maior visibilidade do esporte e valorização das atletas e do futebol de mulheres.

Sobre o processo de construção da identidade, elaborado pela memória, Souza, Capraro e Moraes e Silva (2017) consideram que características constituintes das normatizações relacionadas aos papéis de gênero estão atreladas a formação de identidades de jogadoras de futebol. Ao entrevistarem duas jogadoras de futebol, perceberam a partir dos relatos das participantes que a prática de futebol por mulheres é, por si só, considerada uma norma de gênero desrespeitada, ao passo que é historicamente uma modalidade dominada pelos homens.

Nesse contexto, para as jogadoras, a sua formação como “mulher” no contexto esportivo também se relaciona à formação de seu caráter, como aponta a ex-jogadora Rafaela (45 anos):

“Eu ganhei muitos títulos no Aliança, fui bem direcionada quanto minha formação como mulher dentro de um esporte totalmente masculinizado, tendo assim a prioridade na minha formação de caráter e profissionalismo ao mesmo tempo”.

A partir dessa percepção, considera-se que a “formação integral” apontada pelas respondentes refere-se à vivência e conscientização sobre questões de gênero relacionadas à prática do futebol e que são percebidas dentro e fora de campo, constituindo a reprodução de conceitos e valores do fenômeno esportivo. Nesta esteira de pensamento, Silvana Goellner nos diz que:

O esporte [...] produz essas desigualdades e diferenciações de gênero e não apenas reproduz aquilo que está posto na sociedade. Assim, o futebol se constitui como mais um dos meios pelos quais a diferenciação entre mulheres e homens se perpetua, estabelecendo os papéis que devem ser ocupados por cada um (GOELLNER, 2005 *apud* SOUZA; CAPRARO; MORAES E SILVA, p. 885).

Dessa forma, o processo formativo vivenciado pelas respondentes ao longo de sua trajetória no futebol confidencia sobre a adoção de condutas morais e valorativas perante a sociedade, conforme evidencia a jogadora abaixo:

“O Aliança tem uma filosofia importante, que além de formar jogadoras também forma pessoas de caráter, o futebol também ensina convivência e disciplina” (CAMILA, 31 anos).

Constata-se ainda que a possibilidade de disputar campeonatos e a consequente potencialização da competitividade a fim de alcançar a vitória estiveram presentes nas respostas das jogadoras. “Conquistar títulos e fazer gols pela equipe” é importante à medida que realizavam e concretizavam a sua experiência atlética.

Quando questionadas sobre o contato com o futebol e futsal no âmbito escolar, 17 jogadoras responderam que a prática fez parte das aulas de Educação Física, sendo que uma jogadora afirmou não ter contato com a modalidade na Educação Básica. Ademais, o futsal foi o conteúdo mais evidente nas aulas de Educação Física Escolar, estando presente nos jogos interclasses e estudantis.

O futsal por ser a modalidade mais fácil de ser jogada no âmbito escolar, bastando que a escola tenha um ginásio, um pátio ou apenas uma quadra com duas traves, quando comparado ao futebol, que necessita de um espaço maior para o campo oficial Costa (2019). Nesse sentido, considerando os materiais disponíveis na escola, bem como o ambiente de prática, o futsal como conteúdo escolar é tido como mais fácil de ser trabalhado com os alunos quando comparado ao futebol; por esse motivo, nos questionários foram consideradas as duas modalidades nas respostas das atletas.

Sobre os fenômenos esportivos como conteúdo da educação física escolar, Vago (1996) ressalta que:

O esporte é influenciado, condicionado ou até mesmo determinado pelo ensino da Educação Física na escola. Ou seja, a Educação Física Escolar exerce influência sobre o esporte. Ela é a base da pirâmide esportiva, sendo um dos locais onde o talento dos alunos poderá ser descoberto (VAGO, 1996 *apud* NEUENFELD; LANSING, 2020, p. 208).

Sendo assim, o papel da Educação Física no contexto escolar, a partir de uma visão crítica, é proporcionar o contato com a modalidade e propiciar o engajamento dos estudantes na cultura corporal de movimento e, justamente por isso, nas práticas esportivas, sem que haja distinção de sexo/gênero.

O preconceito dos meninos durante as aulas de Educação Física também foi questionado e, considerando os relatos das jogadoras, verificou-se que não foi relatada nenhuma interferência dos professores da disciplina de Educação Física escolar, quando ocorreram os episódios de preconceito durante as aulas práticas de futsal/futebol.

Acerca dessa questão, Teixeira e Caminha (2013, p. 280) sublinham que:

É possível perceber que o preconceito de gênero nas escolas reflete relações de poder estabelecidas na sociedade. Quando os professores de Educação Física não problematizam pedagogicamente o preconceito em suas aulas, corre-se o risco de fortalecer tendências sexistas.

Sobre o preconceito e a discriminação de gênero, evidenciado nas respostas das jogadoras e ex-jogadoras, quando relacionados à participação das meninas nas aulas de Educação Física em que futsal/futebol foram abordados, Galvão (2002) aponta que, além das competências técnicas, professores(as) precisam compreender e informar os(as) estudantes que a prática envolve questões sociopolíticas que incluem olhar criticamente para o desenvolvimento da modalidade no decurso da história do Brasil e nas lutas empreendidas para que as mulheres acessassem os espaços futebolísticos como jogadoras, telespectadoras, comentaristas, treinadoras, dirigentes, etc.

Neste sentido, obtivemos respostas como:

“Na escola sempre tive contato com o futebol, porém praticamente só eu gostava de jogar bola, as outras meninas, em sua maioria eram incentivadas à prática de dança. Sendo assim, jogava sempre com os meninos” (MAYARA, 38 anos).

“No início jogava com os meninos, posteriormente as meninas do colégio perderam a vergonha pelo preconceito dos meninos de jogar bola e formei times femininos para disputar interclasse” (JULIA, 18 anos).

Portanto, o contato com o conteúdo e a prática do futebol são permeados pelas assimetrias de gênero que levam à subtração da participação das meninas no contexto da Educação Física escolar e, infelizmente, esse fato não se limita a essa instituição. Sobre a reprodução de preconceitos nas aulas de Educação Física, Araujo (2016) conclui:

No futebol são evidentes a hierarquia e o binarismo. Além disso, a presença do sexismo é reproduzida dentro do próprio esporte, gerando o rebaixamento e a desqualificação do feminino. Essas representações são algumas das barreiras que estão previamente estabelecidas para serem enfrentadas e superadas na prática do futebol feminino na escola (ARAUJO, 2016, p. 26).

Dentre os motivos que as levaram a decidir por tentar uma “carreira” como jogadoras de futebol, as participantes alegaram que não receberam nenhum incentivo no ambiente escolar e que a possibilidade de conhecer e praticar o futsal ou futebol fora da escola foi fundamental para prosseguirem.

Outra categoria de respostas tratada como relevante foi a percepção do futebol como um esporte de superação, que viabiliza aprendizados, oportunidades e liberdade. Como aponta a atleta Layssa (23 anos):

“Significa resistência, persistência, além de ser algo que faz bem para a saúde, que me faz sentir livre. Que faz quebrar barreiras impostas pela sociedade hipócrita que acha que lugar de mulher é na cozinha, futebol pra mim é vida”.

“Significa muito pra mim, apesar dos preconceitos, porque isso motiva mais e mais a gente que passa por isso” (MARCELA, 24 anos).

Conforme os achados da presente pesquisa, constatou-se que meninas e mulheres continuam não usufruindo das mesmas condições de visibilidade e reconhecimento social e, por consequência, quando inseridas na prática do futebol, enfrentam muitos obstáculos para avançar. Enquanto essa realidade for visível, será relevante destacar essa contradição.

Segundo Salvini e Marchi Junior (2016), as “batalhas” empreendidas por meninas e mulheres em busca de ocupar espaços esportivos e se estabelecerem se dão em fases distintas da vida. A título de exemplo, na infância, há luta por um espaço no time de meninos; na adolescência, procuram por escolinhas que as aceitem para que possam se especializar no futebol; na vida adulta, lutam pelo reconhecimento financeiro e profissional no futebol. Assim, evidencia-se que as “batalhas” enfrentadas por mulheres que desejam fazer do futebol uma profissão são distintas quando comparadas às dos homens.

As alegrias vivenciadas em campo, expressas com emoção, revelam que o futebol é para elas “algo mágico e que vale a luta”.

“O futebol é algo mágico, que mexe com todas minhas emoções, que gera alegria. Tristeza e euforia. O futebol é meu momento em outro mundo” (MILIENE, 25 anos).

“Significa um esporte de superação, onde quando está no campo me faz esquecer todos os problemas e mudar a forma de viver os pensamentos que você tem que correr atrás, treinar bastante” (ISADORA, 17 anos).

“O esporte educa, temos a inclusão, o lazer que nos faz sentir melhor, e isso tudo traz também o bem-estar das mulheres, que muitas vezes procuram a prática do futebol para fugir dessa visão que o futebol é coisa de homem, e não pra quem sabe jogar, pra quem ama jogar, e isso é independente do sexo masculino ou feminino. Por tanto o futebol pra mim é viver, e será na minha vida a grande razão do caráter que tenho hoje!” (RAFAELA, 45 anos).

Por fim, verificou-se que o esporte, de uma maneira geral, quando vivenciado por e oportunizado às mulheres, pode transformar-se em uma profissão, caso haja investimentos, ou ser ressignificado por aquelas que conseguirem acessar o Ensino Superior, como no caso das ex-jogadoras que cursaram Educação Física e que buscam intervir, pedagogicamente, com o máximo de competência para que seja possível ampliar o repertório de conhecimentos de suas alunas e seus alunos, principalmente ao tematizarem o futebol com a perspectiva de dialogar e combater as assimetrias de sexo/gênero.

Considerações finais

A partir do embasamento teórico dos autores trabalhados e o diálogo destes com os dados colhidos por meio dos questionários respondidos pelas jogadoras e ex-jogadoras do A.F.C., consideramos que as trajetórias das participantes revelam percepções acerca do futebol praticado por mulheres que dialogam em direção semelhante aos documentos pesquisados no que tange a preconceitos de gênero relacionados a sua prática, bem como à falta de investimentos e patrocínios nesta modalidade.

O contato delas se deu mais fortemente com o futsal/futebol dentro do ambiente escolar durante as aulas de Educação Física, nos interclasses e campeonatos regionais representando a escola. E para além disso, a distinção de gênero dentro das aulas de Educação física esteve presente no relato das atletas, revelando assim que a Educação Física escolar crítica e emancipatória encontrada no referencial teórico necessita urgentemente ser colocada em prática.

No que tange à trajetória e às percepções das jogadoras da equipe do Aliança Futebol Clube acerca de suas participações neste esporte, podemos inferir que cada realidade traz consigo vivências únicas, mas há similaridades no que diz respeito a vivências de mulheres jogadoras de futebol. Mesmo com idades diferentes, uma vez que os questionários foram encaminhados às jogadoras e ex-jogadoras do A.F.C. em tempos e fases diferentes do clube, os relatos de obstáculos com as condições e visibilidade do futebol de mulheres e a alegria de estar dentro de campo competindo pelo time são muito presentes.

Vale ressaltar ainda que os obstáculos e conquistas vivenciados pelas atletas, apesar de semelhantes, são únicos. Isso, no entanto, nos possibilita um norte sobre pontos em comum sobre a trajetória de mulheres no esporte, mais especificamente no futebol em Goiânia. Como elementos pertinentes às vivências que nos foram apresentadas pelas respondentes desta pesquisa e pelo diálogo com o referencial teórico, podemos elencar o preconceito de gênero e discriminações relacionados à prática do futebol de mulheres; a falta de apoio financeiro à modalidade, e o quantitativo insatisfatório de campeonatos em nível regional e nacional, além da pouca visibilidade do futebol de mulheres como pautas de discussão e de luta.

A luta pelo futebol de mulheres está presente na fala de jogadoras que iniciaram sua participação no time e das que já aposentaram na carreira. A consciência de ser mulher e estar em uma modalidade considerada um campo de domínio masculino se fez perceber. Como também a importância de se entender mulher e de apoiar outras mulheres no esporte. Essa luta foi exposta por muitas participantes como uma causa defendida pelo clube do Aliança, que, além de formar jogadoras de futebol, atenta-se para a formação da mulher jogadora, sabendo dos preconceitos e

obstáculos que podem encontrar em sua trajetória, não só no clube, mas no cenário do futebol de mulheres no Brasil.

Este estudo mostrou que o futebol de mulheres para as atletas é uma realização como profissionais e faz parte de sua formação como pessoas. Mostrou também que essas mulheres que sonham em viver do futebol sabem que ainda têm muito a conquistar em vários aspectos e em todos os níveis no que tange a melhores condições da modalidade em nível amador e principalmente profissional.

Nesses termos, podemos considerar toda a resistência das mulheres que se dispuseram a participar da pesquisa compartilhando suas vivências para conhecermos suas trajetórias como jogadora de futebol. E a partir dessas experiências compartilhadas, tivemos a oportunidade de trazer à tona aqui alguns elementos comuns que constituem as identidades das jogadoras e ex-jogadoras de futebol do A.F.C., dentre eles, a resistência, persistência, amor ao esporte, luta por igualdade de gênero, principalmente, no contexto esportivo desde sua dimensão escolar até a competitiva, e claro, talento e esforço de grandes mulheres que representaram uma parte da história do futebol goiano e, por que não dizer, representam em sua essência um panorama das muitas mulheres que praticam esta modalidade Brasil afora!

Referências

ALVES, Camila. Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja situação dos clubes. **Globo esporte**. Recife, 4 jan. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>. Acesso em: 9 mar. 2020.

ANDRADA BANDEIRA, G.; SEFFNER, F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Revista Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

ARAUJO, Amarildo da Silva. **As representações dos alunos e alunas sobre o futebol feminino em uma escola pública de Belo Horizonte**. 49 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 out. 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Rheuel Lima da. **Futsal feminino: a educação física escolar contribui para a escolha da modalidade como prática?** 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso de

(Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica**, p. 1-7, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

DIRETORES da CBF detalham Licenciamento de Clubes. **Assessoria da CBF**. 26 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/diretores-detallham-licenciamento-de-clubes-da-cbf>. Acesso em: 13 dez. 2021.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002.

MENDONÇA, Renata. Brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais. **Dibradoras**. São Paulo, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/01/22/brasileiro-feminino-de-2020-tera-numero-recorde-de-times-profissionais/>. Acesso em: 9 mar. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEUENFELDT, Derli Juliano.; LANSING, Franciele. Compreensões de alunas do Ensino Fundamental sobre o ensino do futebol na escola e na escolinha de futebol. **Signos**, Lajeado, v. 41, n. 1, p. 204-218, 2020.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; MORAES E SILVA, Marcelo. **Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades**. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROCHA, Ana Júlia Menezes. **Aliança Futebol Clube: incentivando o futebol feminino no estado de Goiás**. 75p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás – UEG, Goiânia, 2011

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, abr./jun. 2016.

SILVA, Diego Augusto Santos. Evolução histórica da legislação esportiva brasileira: do estado novo ao século XXI. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 3, n. 3, p. 69-78, set. 2008.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, jan./mar. 2013.

Recebido em: 01/07/2021

Aprovado em: 08/12/2021

Publicado em: 18/12/2021

ⁱ Os nomes utilizados são fictícios, preservando a identidade das participantes da pesquisa.

